HOSPITALIDADE E HOSTILIDADE URBANA PARA PESSOAS MIGRANTES: A EXPERIÊNCIA SOCIOESPACIAL DE VENEZUELANOS EM CURITIBA-PR. (ST-09: CIDADE, HISTÓRIA E CULTURA EM DISPUTA)

KHOURI, Gihad Abdalla
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) | gihad.khouri@gmail.com

CHIMELLI, Júlia Ribeiro
Centro Universitário de Tecnologia de Curitiba (UNIFATEC) | juliachimelli2002@gmail.com

Sessão Temática ST-9: Cidade, história e cultura em disputa.

Resumo: Compreendendo a arquitetura e a cidade enquanto dispositivos sociopolíticos, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a experiência territorial urbana de pessoas migrantes, buscando compreender os processos de desterritorialização, reterritorialização e, também, de expulsão territorial. Para isso, o estudo considera as relações de hospitalidade, acolhimento, hostilidade e afastamento presentes no ambiente urbano. Por meio de um processo etnográfico, baseado em entrevistas realizadas entre outubro e novembro de 2024, assim como em um entrelaçamento teórico, pretende-se explorar as vivências urbanas e as relações socioespaciais experimentadas pelas pessoas migrantes em uma terra nova, tomando como contexto específico os venezuelanos em Curitiba, Paraná.

Palavras-chave: Migração; Desterritorialização; Acolhimento; Hospitalidade; Cidade.

URBAN HOSPITALITY AND HOSTILITY TOWARD MIGRANTS: THE SOCIO-SPATIAL EXPERIENCE OF VENEZUELANS IN CURITIBA, PARANÁ.

Abstract: *Understanding architecture and the city as sociopolitical devices, this research aims to analyze the urban territorial experience of migrants, seeking to comprehend the processes of deterritorialization, reterritorialization, and territorial expulsion. To this end, the study considers the dynamics of hospitality, reception, hostility, and estrangement present in the urban environment. Through an ethnographic process, based on interviews conducted between October and November 2024, as well as theoretical interweaving, the research seeks to explore the urban experiences and socio-spatial relations encountered by migrants in a new land, with a specific focus on Venezuelans in Curitiba, Paraná.*

Keywords: *Migration, Deterritorialization, Reception, Hospitality, City.*

HOSPITALIDAD Y HOSTILIDAD URBANA HACIA MIGRANTES: LA EXPERIENCIA SOCIOESPACIAL DE VENEZOLANOS EN CURITIBA, PARANÁ.

Resumen: *Comprendiendo la arquitectura y la ciudad como dispositivos sociopolíticos, la presente investigación tiene como objetivo analizar la experiencia territorial urbana de las personas migrantes, buscando entender los procesos de desterritorialización, reterritorialización y también de expulsión territorial. Para ello, el estudio considera las relaciones de hospitalidad, acogida, hostilidad y distanciamiento presentes en el entorno urbano. A través de un proceso etnográfico, basado en entrevistas realizadas entre octubre y noviembre de 2024, así como en un entrelazamiento teórico, se pretende explorar las vivencias urbanas y las relaciones socioespaciales experimentadas por las personas migrantes en una nueva tierra, tomando como contexto específico a los venezolanos en Curitiba, Paraná.*

Palabras clave: *Migración, Desterritorialización, Acogida, Hospitalidad; Ciudad.*

INTRODUÇÃO

A migração venezuelana e o aumento de seu fluxo expõem um dos movimentos mais significativos e importantes da contemporaneidade na América Latina. Segundo Bento (2020), é provável que, em poucos anos, "o maior número de refugiados sob proteção brasileira seja de origem venezuelana". Uma tendência factível ao se deparar com os dados de 2024 da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) (2024) e da UNICEF (2024) que demonstram uma intensificação deste movimento entre 2015 e 2018, chegando em 2024 a cerca de 60 mil refugiados e migrantes atravessaram a fronteira entre Venezuela e Brasil.

Podemos compreender esse fenômeno conforme um “deslocamento compulsório” (Moreira; Borba, 2021), desencadeado por condições socioeconômicas instáveis – como o aumento descontrolado da inflação, o encarecimento de produtos e serviços básicos, a dificuldade de acesso a sistemas de saúde e a violação de direitos humanos (ACNUR, 2024) – que fazem da migração algo real, palpável, quando não, inevitável para muitos indivíduos.

Tal condição impõe ao imigrante uma série de efeitos e atravessamentos decorrentes das novas relações que deverá forjar com o e no novo território, versus as antigas constitutivas de seu ser. Dentre elas, neste presente estudo, valemo-nos de uma olhar sobre a desterritorialização (Little,2011) e a reterritorialização (Vallejo, 2007), tomando-os como processos que influenciam diretamente a formação da imagem da cidade receptora para o imigrante, que, ao assimilá-la, constrói sua prática espacial, entre deslocamentos, desamparos, apropriações, hibridismos etc.

É por meio dessa imagem, que o imigrante produz um modo de vida e exerce o direito à vida urbana se apropriando dos espaços urbanos e buscando exercer o direito à cidade, contribuindo para a hibridação cultural característica das cidades cosmopolitas (Santos, 2022).

Neste contexto, a partir da desterritorialização/reterritorialização e da formação de uma identidade híbrida, surge uma potencialidade nas cidades: a de hospedar, acolher e atuar como hospedeiras. Essa dinâmica de trocas caracteriza o uso ideal da cidade, que deve oferecer espaços acolhedores e hospitaleiros, permitindo a integração do "outro" (Fuão, 2014).

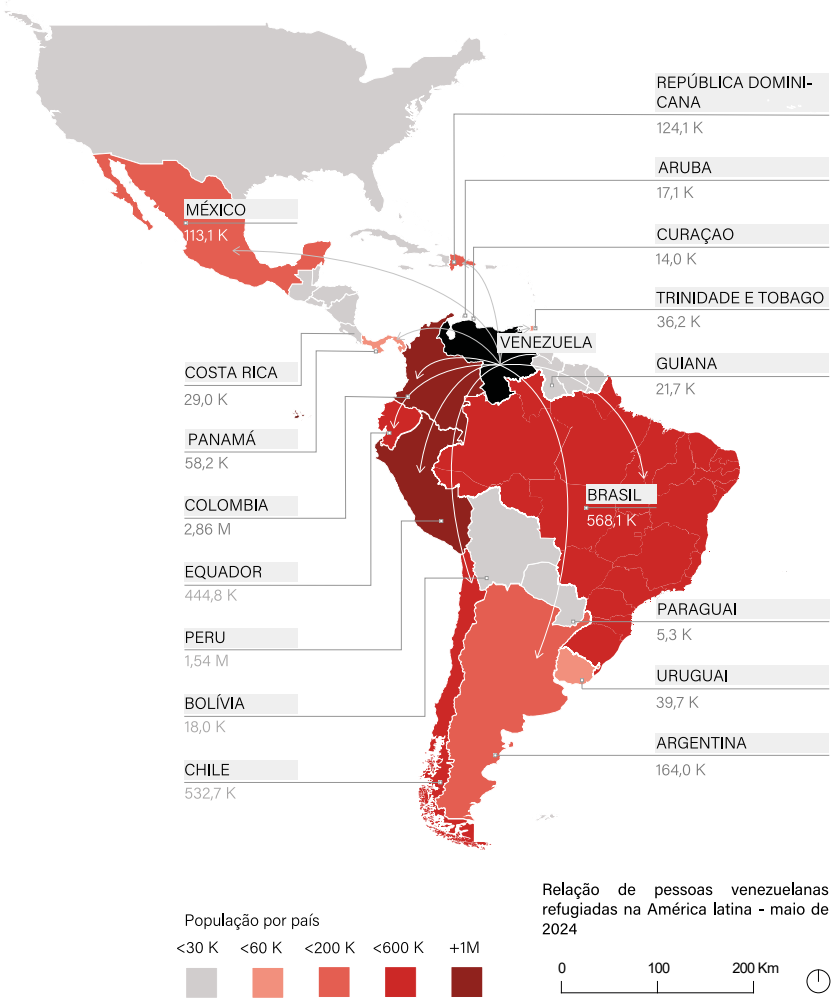
Assim, considerando o cenário de migração Venezuela-Brasil, suas problemáticas e potencialidades, este artigo aprenderá junto à população venezuelana no Brasil, suas motivações para o deslocamento, suas experiências e vivências espaciais a fim de desvelar relações de hospitalidade e hostilidade nas cidades cosmopolitas. Para tal, será adotado um olhar conceitual e afetivo por meio de uma etnografia que coloque em movimento e nos proponha a aprender a partir da sensibilidade e vivências pessoais dos imigrantes entrevistados no contexto entre outubro e novembro de 2024 na capital do Paraná, Curitiba.

A MIGRAÇÃO DE CRISE

Segundo Rapport (2002), a cosmópolis, ou "cidade-mundo", é um ambiente em que a ordem social facilita a migração, possibilitando encontros espontâneos entre viajantes globais e promovendo a convivência de múltiplas culturas e línguas. Esse conceito ganha maior relevância em um contexto globalizado, onde a migração se apresenta como um fenômeno constante, motivado por questões econômicas, políticas e sociais (Bógus, César, Ribeiro, 2007).

Nesse sentido, o autor percebe o território urbano como uma potência para convivência, diálogo e criação na pluralidade cultural, propondo uma visão que valoriza a fluidez, a interconexão e o pluralismo nas relações humanas e no espaço urbano. Contudo, reconhece também as tensões inerentes às relações sociais e afetivas, especialmente inegáveis se tomarmos o contexto das migrações de crise[1] contemporâneas.

Figura 1: Dados gerais sobre a imigração venezuelana na América Latina.

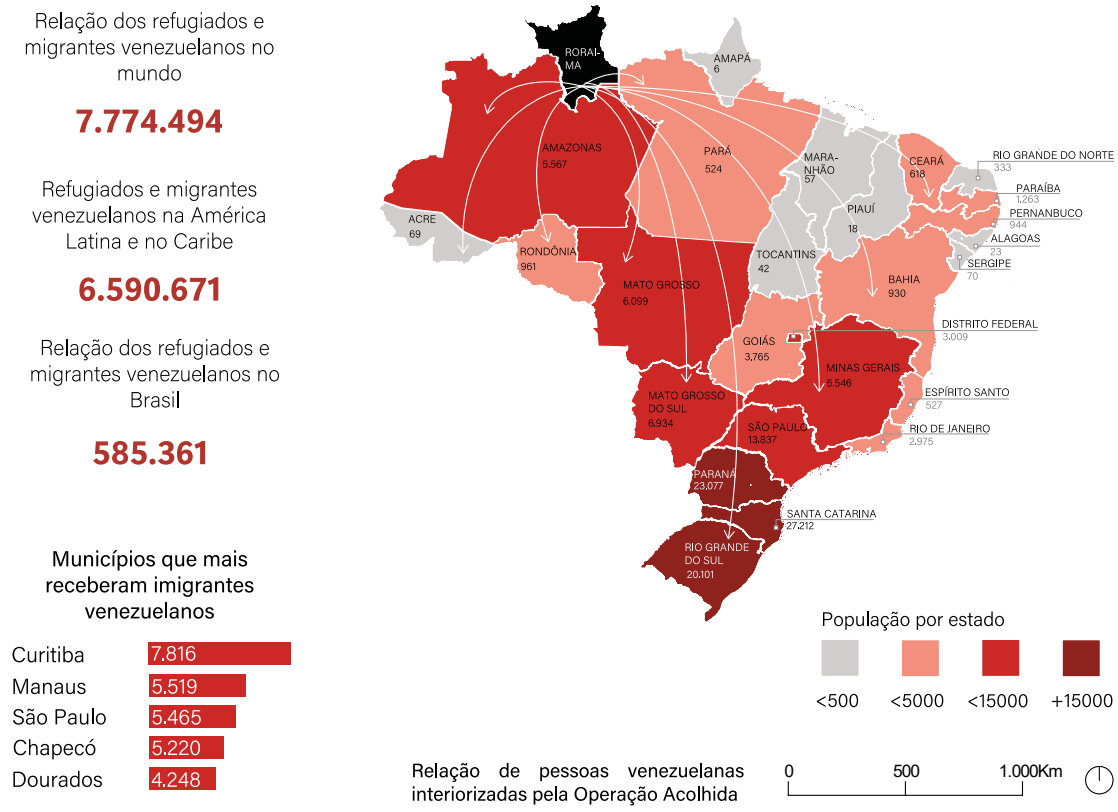


Dados restirados da plataforma R4V - Maio de 2024

Fonte: os autores.

Neste contexto, depara-se com a imigração venezuelana ao Brasil**,** um país historicamente formado por migrantes e que, a partir dos anos 2000, começou a presenciar um aumento significativo de migração deste povo. Esse movimento se intensificou especialmente após 2014, quando os deslocamentos em busca de refúgio cresceram cerca de 8.000% em vários países, sobretudo nas Américas (ACNUR, 2024), fazendo com que, até o final de 2019, o Brasil tenha se tornado o terceiro maior destino de venezuelanos, com mais de 260.000 refugiados, solicitantes de asilo e migrantes temporários, ficando atrás apenas da Colômbia e do Peru (ACNUR; R4V, 2024). Em 2024, somente no primeiro semestre, 60 mil venezuelanos migraram para o Brasil, indicando uma média de 250 pessoas que cruzam a fronteira diariamente (UNICEF). Entre 2015 e 2024, o número total de venezuelanos estabelecidos no Brasil chegou a 568 mil. Desses, 7.301 vivem atualmente em abrigos da Operação Acolhida (UNICEF).

Figura 2: Dados gerais sobre a imigração venezuelana no Brasil.



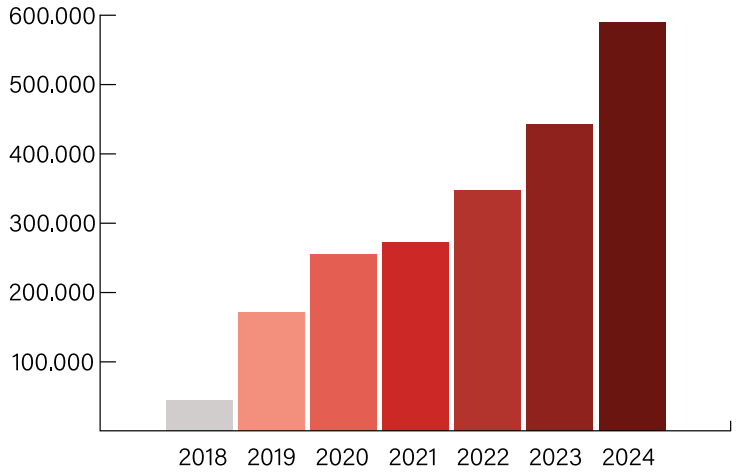
Dados retirados do relatório da OIM: Abril 2018 - Janeiro 2024

Fonte: os autores.

Quando analisamos as razões para essa imigração, destacam-se a crise política e econômica que afeta o país, a escassez de alimentos, o acesso limitado a serviços básicos de saúde, a inflação extremamente elevada, além da repressão e perseguição política, acompanhadas de diversas violações de direitos humanos (ACNUR, 2024). Nesse contexto, emergem dois enquadramentos para a migração, que Moreira e Borba (2021) classificam como

compulsoriedade e escolha. Por um lado, as condições de vida cada vez mais difíceis despertam o desejo e a esperança de uma melhor qualidade de vida em outro local, associado à viabilidade econômica de concretizar essa mudança. Por outro lado, a repressão política, a perseguição ou, até mesmo, a condição de miséria, impõem a migração como única alternativa, independentemente das condições de realização.

Figura 3: Gráfico de projeção da migração venezuelana no Brasil



Projeção do crescimento da migração venezuelana no Brasil
2018-2024

Dados restirados da plataforma R4V - Maio de 2024

Fonte: os autores.

Desta forma, nota-se que a migração de crise venezuelana se constitui como um fato das cidades cosmopolitas contemporâneas latinas, alterando as dinâmicas em uma rede de afetos entre aquele que chega e aquele que recebe. Decorre daí a urgência do tema migratório e novas relações urbanas e de direito à cidade que coloca em disputa e em rearranjo noções de hostilidade e hospitalidade as quais este estudo irá se dedicar.

Diante disso, pensar o tema da migração no contexto das cidades cosmopolitas revela-se essencial, pois é nelas que se intensificam os desafios e as possibilidades de convivência entre diferentes culturas e histórias de vida. As dinâmicas migratórias, ao mesmo tempo em que tensionam estruturas sociais e políticas, também impulsionam a transformação dos espaços urbanos, promovendo a criação de novas formas de organização territorial, pertencimento e interação social. Nesse sentido, a análise das migrações de crise no espaço urbano permite não apenas compreender os impactos desse fenômeno, mas também repensar o papel das cidades como espaços de acolhimento.

Assim, o presente estudo, tem como objetivo principal analisar e compreender os aspectos socioespaciais da imigração venezuelana considerando as relações de hospitalidade, acolhimento, hostilidade e afastamento presentes no ambiente urbano, em específico na

cidade de Curitiba, Paraná, que hoje ocupa o primeiro lugar em relação a quantidade de migrantes no contexto nacional. A fim de atingir o presente objetivo, elenca-se objetivos específicos sendo eles: 1) Compreender a relação entre fronteiras e cultura local sob o contexto migratório contemporâneo; 2) Discernir noções de territorialidade, desterritorialidade, localidade e identidade; 3) Compreender as relações de acolhimento, hostilidade e hospitalidade na cidade e arquitetura; 4) Vislumbrar a vivência espacial e compreensão dela por parte de imigrantes venezuelanos em Curitiba.

METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza revisão bibliográfica com abordagem qualiquantitativa e pesquisa etnográfica para abordar a imigração venezuelana no Brasil. Os dados bibliográficos e documentais foram analisados a fim de interpretar perfis socioeconômicos, aspectos culturais e sociais, motivações para o deslocamento e vivências dos imigrantes venezuelanos. Além disso, busca-se analisar e compreender os desafios da migração em tempos de crise e o acolhimento dessa população.

Para a coleta de informações específicas, como a vivência urbana de imigrantes venezuelanos na cidade de Curitiba, foi adotado o método etnográfico, com a realização de entrevistas, reconhecendo que ele permite uma compreensão parcial das vivências dessa população, e que o tempo limitado destinado à elaboração da pesquisa não é suficiente para abarcar todos os fatores determinantes e micro fatores que afetam os imigrantes venezuelanos no Brasil. Entretanto, o período disponível possibilita uma análise e reflexão relevantes sobre os fenômenos investigados, compreendendo que, a pesquisa etnográfica também envolve uma autoetnografia, pois as relações e vínculos formados na pesquisa de campo afetam diretamente o pesquisador e sobre aquilo que se escreve, tornando a pesquisa com contornos "mais ou menos borrados" que impactam a produção cultural na cidade e o estudo sobre as relações urbanas. (Rizek, 2013).

O método etnográfico foi utilizado para compreender e analisar desigualdades sociais e processos de exclusão, adotando uma perspectiva holística e envolvendo a participação ativa dos atores sociais, de forma a estimular reflexões e trocas entre pesquisadora e participantes (Mattos, 2011). Também, "é possível pensar a pesquisa etnográfica como um caminho fértil para compreender a produção – o fazer, relações, práticas, horizontes e modos de recepção – das dimensões urbanas e de seus sentidos. Esse método, que integra a etnologia, busca entender o comportamento humano por meio de entrevistas, diálogos e observações, promovendo uma reflexão que conduza a conclusões fundamentadas. Para tanto, adota-se uma postura de interação, tornando-se parte do objeto de estudo, o que favorece a compreensão das ações de um determinado grupo sob uma perspectiva singular.

Ademais, a inclusão dos atores sociais torna o processo de análise mais dinâmico, seja por meio da observação participante, da pesquisa interpretativa ou da pesquisa hermenêutica (Mattos, 2011, p. 51). Esse enfoque busca evitar a percepção dos participantes como meros

"objetos de estudo", prevenindo estereótipos e preconceitos pré-concebidos. Neste trabalho, a pesquisa etnográfica incluiu entrevistas e rodas de conversa com migrantes venezuelanos residentes na cidade de Curitiba. Os dados coletados revelaram suas vivências, dificuldades, problemáticas e percepções acerca do acolhimento e das questões de identidade no contexto da cidade contemporânea.

DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO

Aqueles que buscam refúgio ou migram para outro país têm de se adaptar ao novo lugar. E essa adaptação ao novo é difícil e dolorosa, excede os limites das zonas de conforto e implica na necessidade de se desterritorializar para então, se reterritorializar. (Matos, 2022). Esses processos geram, também, novas relações individuais do migrante com a cidade receptiva.

A relação humana com o espaço é uma construção social e afetiva (Little, 2011). Assim sendo, a apropriação do espaço é marcada por memórias, rituais, costumes e tradições. Quando há a perda da relação com o espaço, há também a perda desses costumes e tradições que fazem com que a relação com o espaço seja simbólica e afetiva, por isso o sentimento de *homelessness* (sem lar, carência de lar) é doloroso e pode durar por gerações (Little, 2011).

Por isso, ao se adentrar numa primeira vez ao novo espaço, o indivíduo se encontra numa mancha cinzenta, onde tenta encontrar familiaridade no desconhecido. É o cinza do abandono, da desterritorialização, do entremeio que não é branco, nem preto, é a cor do intervalo (Tiburi, 2004, apud. Rocha; Ribeiro, 2015, p. 37).

Little (2011) explica que o processo de reterritorialização com o novo espaço envolve a memória, a relação com o espaço e a migração e esses fatores formam a imagem de territorialidade. A memória, o espaço e a desterritorialização formam a base para que seja possível a reterritorialização. A reterritorialização envolve novas memórias com o espaço, criação de raízes em lugares específicos, a fim de tornar o espaço simbólico e afetivo, o qual Taussing (apud. Little, 2011) denomina de 'paisagem moral' - a atribuição da moral do eu interior ao espaço. Ou seja, pelo processo de interiorização do espaço, se dá a territorialização.

A interiorização também acontece como medida sociopolítica para a população venezuelana que vive em Roraima para que se territorializem em outras partes do território nacional, principalmente para venezuelanos em situação de vulnerabilidade em Boa Vista. (ACNUR). A Operação Acolhida já realizou a interiorização de 125 mil venezuelanos dispersos em 1.026 municípios. (GOV, 2024).

Para Lefebvre (2001 apud. Santos, 2007), a apropriação do espaço está ligada ao plano "prático-sensível" onde atuam relações sociais de troca, hospitalidade e onde há a materialização da vivência humana. Além disso, a relação com o espaço urbano é dotada de valor afetivo mais ou menos intenso a depender da vivência, dos sentidos e das lembranças da pessoa que o apropria (Santos, 2007). A vivência venezuelana na cidade pode ser mais intensa por estar acompanhada de cargas emocionais e lembranças socioespaciais. Por essa

perspectiva, é manifestada a realidade social e levantam-se discussões sobre a apropriação do espaço e o direito à cidade do imigrante.

A identidade híbrida adquirida pelo imigrante resulta na hibridação cultural[2] que dá à cidade um caráter multicultural (Vallejo, 2007). Tal característica identifica a cidade como cosmopolis, centro de encontros de culturas e de translinguismo, na qual a fusão e hibridação dessas resulta na identidade heterogênea da cidade (Santos, 2022, p. 46).

Segundo Matos (2022), o vínculo entre território e indivíduo se estabelece inicialmente pela representação coletiva do espaço. Essa ideia de espaço é então assimilada e moldada pela percepção humana, dando origem ao conceito de território. Por fim, grupos humanos se apropriam do espaço construindo suas identidades a partir dessa base territorial.

A partir de uma base intrínseca na construção de identidade entre indivíduo e território, o imigrante se encontra numa posição de não lugar ou não pertencimento por "ser estrangeiro num país estranho", visto que ao migrar, este se encontra entre dois mundos, um passado perdido e um presente não assimilado, se encontra numa mancha cinza (Chambers, 1994, apud Rapport, 2002; Tiburi 2004, apud. Rocha; Ribeiro, 2015).

É esse lugar cinza, que é lugar e ao mesmo tempo um não-lugar e representa uma posição ambígua e de não pertencimento é caracterizada por Matos (2022) como processo de desterritorialização. Tal que está frequentemente acompanhada de traumas e sofrimento, mas também por desejo de fixar raízes num processo de reterritorialização (Little, 2011; apud MATOS, 2022). Nesse sentido, o indivíduo errante apropria-se de uma cultura híbrida, com raízes em dois territórios distintos e cultura assimilada entre essas duas regiões (RAPPORT, 2002, p. 91).

EXPULSÃO

Saskia Sassen em seu livro Expulsões (2014) disserta que a migração de crise acontece num momento em que o ambiente familiar, o cotidiano se torna uma situação extrema. Tal situação extrema catapulta o momento da expulsão do território. Aqueles que estão em situação de imobilidade involuntária também sentem a expulsão territorial (que significa a impossibilidade de permanecer com a estabilidade socioeconômica, quando permanecer significa perda).

Essa expulsão não acontece de forma espontânea, mas por meio do que Sassen denomina de 'formações predatórias': soma de instrumentos complexos urbanos como políticas públicas, avanços tecnológicos, economia, pressão da camada social mais rica, além de grandes corporações e do controle de estado que exercem influência sobre o território e sobre os cidadãos.

Pode acontecer também, por meio de políticas restritivas em fronteiras que dificultam o ingresso de estrangeiros no território, (Moreira, Borba, 2021) como imigrantes que sem documentos regularizados são deportados.

Sassen destaca que tais processos transpassam os limites físicos e trazem incertezas para grupos e comunidades, tornando difícil o meio de ganho de vida.

Por meio da migração de crise, no contexto da migração venezuelana, o indivíduo passa por uma série de processos internos complexos de desapego e relocalização ao espaço conhecido e tentativa de enraizar-se no espaço novo. É o reconhecimento de si mesmo em relação ao espaço, ajustamento ao novo local e recriação de memórias, principalmente quando estão envolvidas mudanças socioespaciais radicais. (Matos, 2022).

Esse processo envolve um movimento transgressivo e invasivo do eu que:

> infringe as leis do próprio, transpõe as fronteiras da propriedade ou da individualidade indo sempre além do lugar de onde se vem e de onde se tira sua identidade, a fim de melhor desfazer esse laço originário e de restabelecê-lo a cada vez em um novo destino, em um outro vir a ser que é também um vir a ser outro. (Ouellet, 2002, p. 42). (Paterson, 2007, apud Santos, 2022, p. 45).

A readequação à terra nova ultrapassa relações de identidade, cultura, religião e cidadania. O imigrante precisa passar por um processo de alteração e nova construção do eu por meio da assimilação e ajustamento ao novo local (Paterson, 2007; apud Santos, 2022).

O processo de atravessar fronteiras é estar no centro entre dois mundos (HAESBAERT, 2004, apud. Santos, 2007). A viagem é muitas vezes dificultosa, cansativa e cheia de incertezas. Quem atravessa fronteiras passa por vários processos de des-reterritorialização e, ao lutar por seu espaço e lugar, imigrantes, assim como partes minorias geram desconforto, medo, ódio e discórdia às instâncias e entidades pré-estabelecidas ao lutar por suas vidas (Guatelli, et al., 2024) e geram desconforto, ou conflito ao lutarem por seu espaço na cidade.

Ao atravessar a fronteira entre Venezuela e Brasil, passar por um ponto de conexão em comum - o imigrante precisa deixar para trás o conhecido e se abrir para o estranho. Dessa forma, conhece novas barreiras. A barreira linguística, cultural, restrição de acesso a lugares importantes e maneiras de acessá-los. A necessidade de regularização e documentação necessária para acessar serviços básicos e a barreira para conseguir emprego e estabilidade.

Para Lefebvre, todos esses fatores citados constituem o direito à cidade, apropriação e luta por seu espaço próprio nela. A partir disso, é formado a imagem da cidade pelo imigrante (Santos, 2007), por meio de concepções do espaço que formam imagens não-neutras, mas por meio de uma percepção política ideológica, que pode não representar a realidade pura, mas uma realidade construída e interpretada pelo sujeito no espaço (Santos, 2007).

Nesse sentido, a materialidade do espaço e sua percepção é uma construção social (Picon, 2013). O que implica não somente na construção social enquanto sociedade, mas também pela cultura, pela cultura material, as vivências individuais e noções de identidade, formas de posicionamento e senso de localidade e território.

A 'TERRA DE ASILO'

A cidade não é hospitaleira. A cidade, surge hostil e segregacionista. Ela ergue barreiras por meio de imposição da identificação, segregação de grupos, exclusividade de espaços, por meio de muros, portões, câmeras, violência. Para que a cidade esteja preparada para acolher o estrangeiro e ser hospitaleira, é preciso, primeiro, hospitaliza-la para que esta seja cuidada e tratada. É preciso lhe "devolver aquilo que lhe foi retirado" - o sentido real de hospitalidade e convivência, de comunidade. (Fuão, 2012).

A segregação dos espaços acontece por desigualdade e violência (Guatelli, 2024). A cidade oferece conforto para certa parte da cidade enquanto a outra parte, como 'incômodos urbanos' não têm acolhimento. A prioridade arquitetônica do conforto e o descaso com a realidade faz com que essa parte da cidade "feche os olhos" para o outro. Rocha e Ribeiro (2015) denominam esse fator de "tirania do conforto".

Segregar os espaços, separar interior e exterior é doloroso, pois ao colocar um limite separador entre esses dois conceitos, a hospitalidade se torna hostipilidade e ao invés de se abrir ao outro, dá abertura ao medo do espaço exterior, causando uma experiência "horrível", pois mesmo o espaço interior não oferece segurança e estabilidade (Fuão, 2013).

A cidade então, isola e segrega as pessoas em espaços fechados, que embora confortáveis, criam uma ilusão que foge da realidade, impedindo que os usuários tenham experiências por meio de relações interpessoais da realidade do outro.

Isso, por sua vez, leva ao uso de dispositivos de controle, barreiras, vigilância e privatização dos espaços e fecha a porta para a hospitalidade, guardando-a para si mesmo. Esses fatores tornam superficiais as relações interpessoais e dificultam a espontaneidade do acolhimento, os espaços se tornam exclusivos e segregados e promovem o afastamento e hostilidade ao que é diferente. Quem protege sua própria hospitalidade no seu próprio lugar, se torna xenofóbico virtualmente (Fuão, 2012).

Os outros, diferentes, 'fora do eu' que sofrem com a não acolhida, com a hostilidade da cidade, estão fora, fora do alcance desse acolhimento. Quem está fora, está fora dos condomínios, fora dos espaços que sugerem um padrão de comportamento que não abraça quem está fora (mesmo que em espaços públicos ou semipúblicos), fora do interesse, está na borda, na margem.

Assim, o espaço que deveria ser do público é apropriado pelo Estado que reprime seu uso e hospitaliza o hóspede sob a condição de seguir todas as regras que o reprime, o hospitaliza, vigia, controla e pune, tornando-o dócil e condicionado ao controle do estado por meio de punições (Guatelli, 2016).

Derrida (apud. Fuão, 2012) afirma que a cidade contemporânea apresenta uma hostipilidade[3]. É uma hospitalidade seletiva, exclusivista, segregatista. Algo que promove a banalidade e a superficialidade nas cidades, quando essas preferem ignorar os problemas indesejáveis, feios, inconvenientes ao invés de tratar da cidade, cuidá-la e dar abertura ao outro (Fuão,

2012). É quando existe uma relação de poder do hospedeiro que subjuga o hóspede ao seu poder - ao poder do dono da casa. Essa relação pode ser análoga a uma frase de "A Revolução dos Bichos" de George Orwell (1945): "Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais do que outros".

Mas, o acolhimento, assim como o direito à cidade, existe somente para os mais iguais. Enquanto a cidade hostipiliza os outros por meio de relações de poder, que podem acontecer por meio de intervenção do Estado no espaço para controle de uso (Guatelli, 2016).

Fuão (2012) crítica como a arquitetura e urbanismo na era contemporânea têm se preocupado primeiramente em fins comerciais, arquitetura comercial, voltada para a hospitalidade hoteleira, somente, como se a arquitetura fosse autônoma e indivisível, sendo que antes, é necessário levar em conta as necessidades subjetivas do usuário, pois não há hospitalidade do lugar sem o ser que o habita.

Porém, o verdadeiro acolher na arquitetura é o acolher do diferente, do estranho, sem perguntar nome ou ID - sem barreiras. Fuão (2012) sugere que é necessário criar um lugar de acolhimento independente de identidade, origem étnica e social, sem segregar. O verdadeiro acolhimento está no espaço, o espaço com abertura para receber, cuidar, amar, acolher os outros.

A hibridação cultural, dá abertura ao outro, por meio de noções de hospitalidade na cidade-anfitriã. A verdadeira hospitalidade é o "lugar que dá lugar ao lugar" (Fuão, 2012). Na cidade hospitaleira, qualquer lugar pode se tornar acolhedor e hospitaleiro, pois é o lugar quem acolhe. A hospitalidade está no lugar, mas esse lugar não é rígido, é fluido, é dinâmico, espontâneo e livre.

Por meio da alteridade, o reconhecer o próximo (que é igual e ao mesmo tempo diferente, reconhecer que o outro é constituinte do eu); assimila-se a interioridade do alter (outro eu). A partir então, desta visão de semelhança, noções de hospitalidade nascem na cidade. (Silva, apud. Lima, 2014, p. 31).

A porta é o elemento de comunicação, participação direta entre o público e o privado, enquanto pela janela observamos a vida pública sem sofrer as intempéries. A janela nos torna observadores, mas não atores. (Flusser, 1984, apud. Fuão, 2012).

A hospitalidade que deveria haver na cidade é aquela que abre a porta, cuja "A interioridade lateja na borda do outro" (Fuão, 2010); é esperar que o outro preencha o vazio, enquanto se esvazia-se do "eu" hospedeiro, pois a casa/cidade não lhe pertence, pelo contrário, o acolhe. O usuário "usa" a casa/cidade, sendo hóspede junto com quem acolheu e a casa/cidade acolhe ambos. Quando "a habitação se abre a ela mesma, a sua essência sem essência" (Fuão, 2012). Essa troca é denominada por Derrida (2003, apud Fuão, 2012) como 'terra de asilo'.

A ideia de 'terra de asilo' se dá quando a habitação se abre a ela mesma, a terra de asilo, é terra de ninguém, não pertence a alguém ou a algo, está ali para acolher, sustentar e hospedar o indivíduo errante e mesmo quem já está na sua 'própria' terra.

A vida do errante é muito bem representada no livro 'Morte e Vida Severina' de João Cabral de Melo Neto (1981). Severino, foge errante do sertão. Melo Neto relaciona a vida e a morte, algo dentro e fora de Severino durante todo o tempo. Ao errar em direção ao litoral, a terra (o exterior) toma conta do interior de Severino e este começa a refletir sobre a vida e a fragilidade desses dois conceitos opostos: a vida e a morte. A vida e a morte sempre o acompanham. Na obra de Melo Neto, a vida de Severino está também no exterior, e Severino espera que essa vida reocupe e recomponha seu interior, mas ela não necessariamente está no espaço externo ou interno, mas na hospitalidade que encontra, após um caminho de hostilidades. (Neto; Cavalcante, 2009)

Nesse sentido, os conceitos de interioridade e exterioridade, estão juntos, conectados, indivisíveis. Deleuze (apud. Fuão, 2010) conceitua que não existe dentro ou fora. Interior é exterior e vice-versa. O dentro e o fora são duas expressões de uma mesma realidade. Na arquitetura do acolhimento, adotar a visão de Deleuze significa fazer arquitetura onde interior e exterior não são rígidos.

Somente então, a partir dessa perspectiva, a cidade se tornará hospitaleira ao estrangeiro. A cidade apresenta diferentes compreensões e perspectivas do espaço para cada usuário. A maneira como se usa a praça, o parque, um recanto permite a troca de experiências, implica na qualidade do espaço e cria percursos e laços afetivos (Lima, 2014).

VIVÊNCIAS E DESLOCAMENTOS

Para aprofundar e trazer maior relevância sociopolítica ao presente trabalho, foram realizadas entrevistas com venezuelanos imigrantes residentes na cidade de Curitiba. Em algumas partes da entrevista, a barreira linguística dificultou a compreensão de alguns entrevistados, e por conseguinte o tempo de entrevista foi menor, já que a barreira linguística também afeta a expressão própria e a compreensão do outro (Rizek, 2013).

O contato com as pessoas entrevistadas aconteceu por meio de uma rede de afetos que possibilitou a aproximação com elas. É essencial ressaltar que, por meio dessa rede de afetos, a pesquisadora é afetada diretamente e cria um próprio olhar sobre o problema de pesquisa e a condução das entrevistas já que é impossível dissociar o pesquisador da pesquisa, pois "como falar dos outros sem que esteja falando de si mesmo?" (Rizek, 2013, p. 21).

As entrevistas foram realizadas na modalidade presencial e em 3 sessões com duas pessoas entrevistadas por vez, ao todo compreendendo 6 pessoas entrevistadas. As entrevistas foram pensadas de forma semiestruturada e em roda de conversa para maior aproximação entre entrevistadora e entrevistado e o tempo de entrevista para cada dupla é variado. Isso depende também da compreensão linguística e o tempo disponível dos entrevistados.

Os nomes pessoais foram resguardados para preservar a afetividade. Ao invés disso, então, foram adotados nomes simbólicos que expressam características pessoais de cada pessoa entrevistada sob o olhar da pesquisadora.

ESMERALDA E BRUNO

A entrevista de Esmeralda (23) e Bruno (21) durou em torno de 1 hora e 30 minutos e aconteceu no dia 3 de novembro. Eram vizinhos e são amigos de infância. Na Venezuela, moravam na cidade de Maturín. A cidade fica longe da fronteira, fica ao norte do país. Ambos levaram 30h viajando de ônibus, é necessário atravessar o país verticalmente para conseguir chegar a Roraima. Esmeralda chegou ao Brasil em 2018 com 17 anos e possui 1 ano e 6 meses em Curitiba e Bruno chegou ao Brasil em 2017 com 14 anos e possui 5 meses em Curitiba.

Esmeralda já tinha o pai e mãe imigrantes, residentes em Roraima e ao terminar o ensino médio na Venezuela, ela, com 17 anos e sua mãe atravessaram a fronteira novamente com mais uma parente.

Bruno, com 14 anos veio acompanhado com sua mãe e já não veio primeiramente com o objetivo de migrar, veio em viagem para conhecer o país, onde seu pai já era residente. Na primeira semana, a irmã de Bruno sofreu um acidente que os forçou a ficarem no Brasil, "Quando a gente tinha uma semana, a minha irmã foi atropelada por um policial militar em Roraima. A minha irmã tinha 10 anos. E por conta de todo esse tempo que a minha irmã demorou para ficar bem, a gente acabou ficando. Então deu ano escolar. A gente já tinha feito alguns amigos aqui e a gente estava um pouco estável, então a gente acabou ficando".

Ambos os processos de interiorização no Brasil, tanto de Esmeralda, quanto de Bruno começaram com seus pais. Eles se deslocaram para o Brasil por incentivo de amigos já residentes para trabalhar e manter a estabilidade socioeconômica familiar, a fim de não perder a condição socioeconômica que tinham na Venezuela frente aos desdobramentos da crise.

Esmeralda esteve com o status de refugiada por 4 anos, durante o tempo que era residente em Roraima. Mas, apesar de tentar, não conseguiu realizar o processo de interiorização gerenciado pela Operação Acolhida. Ao chegar em Curitiba, ficou na casa de um tio por 3 meses e então retirou o visto de residência.

Bruno foi o único de sua família que veio para Curitiba por incentivo de uma amiga já residente, e também porque Curitiba é a cidade onde ele poderia se especializar em animais silvestres em uma faculdade de medicina veterinária. Ele também retirou o visto de residente, sem buscar o visto de refúgio.

Quando perguntado sobre o que mais sentem falta na cultura venezuelana, responderam que são as reuniões entre família e amigos em datas específicas como natal e ano novo, e a comida típica feita nessas comemorações. esses sentimentos de saudade partem do processo da desterritorialização, pois parte da identidade híbrida do imigrante é marcada pela perda. A perda de costumes, tradições. Esses fatores agravam o sentimento de perda do território, desterritorialização (Little, 2011).

Sobre acolhimento, reforçaram que em Curitiba não se sentiram tão acolhidos como em Roraima, e são neutros em relação ao que sentem sobre acolhimento em Curitiba - a cidade não é tão acolhedora e tampouco promove afastamento. Porém, Bruno ressalta que já sentiu algum afastamento das pessoas, que muitas evitam interagir com pessoas venezuelanas e promovem segregação baseada em etnia, nacionalidade e uma ideia de classe social - "as pessoas acham que o imigrante é uma pessoa suja, ruim. Isso entra no racismo também. Acha que é pobre, ignorante. Aqui no sul em geral, tem muito disso com pessoas de outros lugares. Já me falaram: 'não fala que você veio de Roraima'".

Esmeralda completa que sente medo de ser excluída em relações interpessoais por ser venezuelana e expressar língua e cultura. "Morro de medo de ser excluída. Uma vez no trabalho, em um restaurante, eu tinha uma amiga que também é da Venezuela e a gente estava falando em espanhol. Aí a gerente falou: 'não é pra falar em espanhol aqui, vocês não podem falar em espanhol, só português.' Eu falei: 'tá bom'. No outro dia, pedi as contas. A gente passava 7 horas em pé e não podia encostar na parede. Nem encostar as mãos no balcão. E ela só contratava venezuelano, por que o venezuelano faz tudo."

Bruno também relatou: "comigo aconteceu a mesma coisa, só que na escola com uma professora. Em 2020 quando eu comecei o ano escolar, eu estava conversando em espanhol com meus amigos. A professora se irritou. Ela disse que se a gente está no país dela, porque se a gente veio tirar oportunidades dos brasileiros, a gente pelo menos tem que falar em português, mas eu falei que a gente ia falar espanhol ela gostasse ou não. Eu sou um tipo de pessoa que não se cala a nada. Na verdade, o venezuelano é o tipo de pessoa que não se cala a nada."

Sobre a dificuldade/facilidade sobre encontrar emprego, Bruno disse: "a gente aceita qualquer vaga de emprego. Tem muito advogado, muito médico que não consegue emprego na área. Porque é muito complicado trabalhar na área sendo estrangeiro. Então querem contratar venezuelanos, muitos não tem nem carteira assinada, e por saber que a pessoa precisa, se aproveita da situação da pessoa. Em Roraima, comecei a trabalhar em hospital antes de me formar, [em auxiliar veterinário] que foi indicação de outro venezuelano, e a chefe era venezuelana, só que era aqueles estrangeiros que por ter um cargo superior, se acha melhor que todos os estrangeiros, tanto que ela era assim. A gente só falava em português. Ela não gostava que falassem em espanhol com ela. O estrangeiro vai se achar melhor do que os outros se tiver um cargo maior, estiver ganhando mais dinheiro. Isso não importa o lugar, sempre."

Além disso, Esmeralda afirmou sentir medo de não ser contratada por conta de sua nacionalidade.

É evidente que o preconceito e xenofobia velada promove afastamento e hostilidade na cidade. É perceptível a xenofobia, e mesmo quando implícita expõe violência, discriminação e a hostilidade da cidade contra imigrantes e minorias. Algumas pessoas refletem a percepção de que pessoas migrantes de crises são como cidadãos de segunda classe. Essas situações e

sentimentos de hostilidade prejudicam a adaptação e é "uma das maiores dificuldades para os migrantes de todos os continentes e de todas as épocas", (Martine, 2005, p. 16).

Por isso a luta pelo direito à cidade é maior que apenas a luta pelo uso legítimo dos espaços. Para Lefebvre (2001), a reconstituição da cidade para o direito puro da cidade seria o ideal de uma nova cidade, com novas bases, com uma nova sociedade que superasse a forma capitalista de organização social. O direito à cidade está relacionado ao direito à vida urbana, direito a participar da construção da cidade, e direito sob o que é construído, onde há reciprocidade entre anfitrião hóspede, mas que esse não é um 'eterno ser da espera', mas que ocorra o choque, ou segundo Fuão (2014), o encontro amoroso, para que haja hospitalidade.

Sobre a dificuldade de se comunicar em outro idioma, Esmeralda contou que fazer faculdade de Arquitetura e Urbanismo em outro idioma é extremamente difícil, mas que à medida que se acostuma com o idioma, se esquece de algumas palavras na sua própria língua. Para Bruno, é a mesma situação. Fazendo ensino médio e auxiliar em veterinária, há termos técnicos que se sabe no português, mas não no espanhol.

Bruno: "como eu aprendi tudo o que tem a ver com medicina em português, eu não sei te falar os termos técnicos, coisas que eu sei no português, não sei em espanhol. Tanto que no começo, no ensino médio, o que mais me dificultava era matemática. Sempre fui bom em cálculo, mas eu não conseguia entender a explicação em outro idioma. Aí eu pegava a aula, jogava no google, aparecia em espanhol e era assim que eu aprendia, sabe? Tinha muita coisa que eu não entendia. Chegava em casa, jogava no Youtube em espanhol e era assim que eu entendia. Teve uma vez que a professora me explicou um monte de vezes, e eu não entendia."

Esmeralda: "a começar pelo idioma. A partir daí tem que começar de novo. A comida, se acostumar. Criar novos laços, conhecer onde que ficam os lugares. Para resolver qualquer coisa no Brasil tem um lugar específico. "

Esmeralda: "teve uma vez que eu ia cuidar de uma criança, ele tinha 7 anos. Ele estava fazendo uma tarefa de inglês. Imagina, eu falando em espanhol, explicando para ele em inglês e português. Ele até chorou. Eu falei: "Davi, vai dormir, vai assistir, vai fazer qualquer outra coisa, amanhã a gente faz, tá bom?" Eu fui para a faculdade, na volta, ele estava chorando, estressado. Ele não conseguia entender e nem eu. Porque eu estava na minha cabeça espanhol, aí eu tinha que explicar para ele o inglês em português."

Além das dificuldades burocráticas, culturais e ter de enfrentar barreiras de hostilidade e afastamento na cidade, os imigrantes têm de enfrentar e ultrapassar a barreira linguística. Embora para a construção da identidade transnacional, é necessário, se des-reterritorializar, deixar costumes e tradições ajustarem-se ao local (Matos, 2022), a permanência de outros costumes e tradições, como a língua conferem a cidade cosmopolita em riqueza de culturas (Santos, 2022).

O multiculturalismo e o translinguismo é algo presente nas cidades e na identidade do errante também, e por vezes este tem de realizar o movimento de "atravessar as línguas", que Santos

(2022) classifica como se fazer ser entendido, se expressar entre mais de uma língua. Esse fenômeno ocorreu durante as entrevistas na presente pesquisa.

"Falar uma língua estranha, entendê-la, traduzir para a própria, é restaurar a unidade do começo" (Paz, 1991, apud. Santos, 2022, p. 54). Ou seja, por meio do entendimento de várias línguas, é possível restaurar a unificação por meio do entendimento, no qual, também, a língua materna deve persistir pois representa a identidade do indivíduo errante. Essa construção de identidade no espaço da cidade cosmopolita forma espaços de identificação (Santos, 2022).

ANA E LUÍSA

A entrevista com Ana (40) e Luísa (35) ocorreu no dia 5 de novembro, com duração de cerca de 2 horas. Elas são irmãs de mesma mãe. Ana chegou ao Brasil em 2018 e Luísa em 2024. Por um tempo, no começo dos anos 2000, moravam na mesma casa na periferia de Caracas, quando a situação econômica na Venezuela começou a afetar o cotidiano.

Luísa: "então a economia estava complicada. Não tinha muito trabalho. Depois minha irmã e eu nos mudamos para Caracas e aí vivíamos todos juntos. E assim foi piorando a situação política."

Ana: "morávamos na capital, Caracas, na favela igual São Paulo. É bem perigoso ainda. Apesar da gente morar num lugar assim com violência, a gente tinha uma boa condição e boa qualidade de vida. Porque meu avô foi um dos fundadores desse lugar. Então ele levou o comércio para lá, depois trabalhando com transporte público. Todas as nossas férias eram viajar na praia ou na montanha, na casa da família. Fiz meu ensino fundamental em escola pública. Mas o ensino médio fiz numa escola particular, então meu pai conseguiu pagar uma boa escola para mim. Saí de lá desse modo de vida, desse ambiente perigoso. Muitas vezes estávamos sentados na mesa com medo do que estava acontecendo na rua, tinha disparos, e você via um morto caído."

Apesar de Ana e Luísa terem uma condição socioeconômica boa, moravam na área periférica de Caracas, onde é muito perigoso devido a conflitos entre os moradores.

Quando perguntado se nessa época, Ana e Luísa já tinham a intenção de mudar de país, a resposta foi que nunca tiveram a intenção. Apenas queriam morar no mesmo bairro, mas fora da periferia.

Ana: "Hoje em dia, acho que continua, mas a crise também os afetou. Tanto que minha tia ainda morava lá disse: "faz tempo que não escuto um disparo". Porque eles não têm a possibilidade de traficar e comprar balas. A condição econômica, política e social afetou também essa parte, pelo menos onde a gente morava."

"A minha mãe teve que sair [muda de casa] porque meu irmão de 28 anos, estava na adolescência e ele estava num momento bem difícil. E estava nessa área de violência. Ela disse: 'se eu continuar aqui, vou perder meu filho na rua'. Então eles foram morar lá em

Valência e era tipo uma cidade do interior, então era diferente, mais tranquilo e eles estavam morando num lugar muito bom. Eles moravam numa casa boa. A intenção deles era comprar essa casa. Mas a situação foi ficando ruim, e minha mãe ficou em aluguel." Porém, essa casa não pôde ser comprada. Devido à instabilidade econômica do país, a mãe e o irmão de Ana voltaram a morar juntos com ela em Caracas.

Quando perguntado sobre a faculdade, a formação de cada uma, Ana respondeu:

"Não me formei. Entrei muito nova na faculdade. Parei muito antes dela (Luísa). Fiquei perdendo aulas, deixei para trás, fiquei doente com meu vitiligo, comecei a trabalhar e amei a liberdade de trabalhar em escola. Ninguém me falava: "você precisa continuar [a faculdade de pedagogia]". Tranquei a faculdade. E quando você tranca, você perde. Eu perdi. Faltava só o Trabalho de Conclusão de Curso. Mas era ou faculdade ou trabalho. E foram muitas coisas juntas depois."

Ana menciona que no ano em que trancou a faculdade, houve um desastre natural e estavam em ano eleitoral. Ana menciona uma fala de Hugo Chávez: "se a natureza se opõe, nós vamos lutar contra ela". Ana: "o Chávez, todo mundo achava que ele era um salvador, por que ele falava de igualdade."

Luísa é formada na faculdade de artes culinárias, mas não conseguiu emprego na área na Venezuela sob a difícil condição socioeconômica nem no Brasil.

Então foi perguntado como se prepararam e migraram ao Brasil. Ana veio mais cedo, em 2018, solicitou, porém, não conseguiu refúgio, apenas tirou o visto de residência. No ano seguinte, seu pai chegou em Curitiba. O ponto de tomada de decisão de Ana aconteceu quando uma série de complicações devido à situação financeira começaram a se agravar. Como os dois salários que recebia das duas escolas em que trabalhava pelo seu cargo de coordenadora não conseguiam pagar por um doce no supermercado e suas economias não conseguiam pagar pelo conserto do único par de sapatos que seu pai tinha. Uma amiga que já havia solicitado residência em Curitiba incentivou Ana a se deslocar. Ela chegou ao Brasil em 2018.

Luísa conta que a namorada de seu pai se deslocou em viagem de avião aos Estados Unidos e do seu trabalho, enviava dinheiro para a sua família em Caracas. Ressaltou que, quando a viagem não é de avião é por caminhada. Pois não há como atravessar a selva de Darién na Colômbia de ônibus. Luísa conta que um amigo e um primo atravessaram a selva em direção aos Estados Unidos e como esse deslocamento coloca em risco a vida de quem atravessa. "Tem pessoas que atravessam com seus filhos e tem que escolher, porque quando a família tem dois filhos, sabem que tem que escolher. Porque um dos dois [filhos] vai morrer.

Ana: "tem que passar por um rio, muito caudaloso (alto volume de água). E já teve muita notícia que falava que morreu mais uma família de venezuelanos por que o rio levou."

Luísa: "O meu primo falou que durante a viagem, ajudou uma senhora a enterrar duas filhas gêmeas porque morreram na viagem, morrem de fome, de exaustão, tem gente que abusa sexualmente. Os 'coiotes' são maus, eles sequestram as crianças, abusam e se aproveitam."

Ana: "os 'coiotes' são aqueles que dizem: "eu te passo do México aos Estados Unidos" então as pessoas pagam um monte de dólares [para atravessar a selva de Darién], eles roubam dinheiro e sequestram mulheres e crianças para tráfico sexual."

Apesar da viagem envolver riscos severos à vida, muitos venezuelanos e pessoas de outras nacionalidades também correm o risco de atravessar a selva, que leva em torno de 10 dias para travessia a pé. Até 2023, foram registradas 500 mil pessoas que atravessaram a selva de Darién (ONU, 2023). Essas decisões de risco acontecem por conta da migração de crise como resposta a uma necessidade urgente, por compulsoriedade (MOREIRA, BORBA, 2021). A necessidade urgente de se deslocar faz com que sejam tomadas decisões transgressivas, como atravessar a selva de Darién.

Luísa emigrou da Venezuela em 2024, apesar de por 3 anos, Ana insistir na migração de sua irmã. Luísa explicou que, na Venezuela trabalhava empreendendo e assim, conseguia ter uma condição financeira satisfatória. O ponto que fez com que Luísa decidisse emigrar foram uma série de fatores políticos e econômicos. Explicou que era evidente que Maduro não havia sido eleito por meio das eleições, também, que o salário-mínimo está na faixa de 6 dólares e a bolsa que o governo oferece equivale a 3 dólares, 180 bolívares. Ainda, que nas eleições deste ano, as manifestações foram reprimidas severamente com mortes e prisões arbitrárias. Além de na Venezuela se aceitar recentemente euro, peso colombiano, dólar, ouro, bolívares e criptomoedas como moedas de troca. "El Petro[4] vale um pouco mais que o bolívar. Luísa disse: "Eu nunca usei o Petro. Só dólar e Bolívar. Mas quando você paga em Bolívar não consegue o valor para pagar."

Ana: "o país está completamente dolarizado. Por mais que você vá ao supermercado ele aceita bolívares, mas ele vai te cobrar em bolívares ao valor do dólar. Não converte."

Sobre se sentem falta da vivência na Venezuela e pensam em voltar, Luísa explicou que gostaria de voltar e visitar quando a situação econômica melhorar. Já Ana responde que "ser imigrante é como 'nascer de novo'. É mais difícil, porque você está sozinho, é tudo diferente. A nossa perspectiva sobre a vida muda".

Ela explicou que não sente vontade de voltar, "Porque sei que o que deixei lá, já não está. Família, amigos, minha casa não está do mesmo jeito. Não vou recuperar o que deixei lá. Então não quero tirar essa lembrança que eu tenho da minha vida lá, do que deixei lá, como deixei lá. E agora já tenho outra visão da vida, porque apesar de continuar sendo uma imigrante, eu sinto que já encaixei aqui. Estou aqui, vivo aqui, eu moro aqui, na minha casa, com minha irmã, tenho amizades, então eu penso assim, que é um gasto para eu ir para meu país e ver o país do jeito que está eu prefiro fazer turismo no Brasil ou fazer turismo na Argentina, onde minha mãe está e conhecer minha sobrinha."

Sobre o que sentem mais falta ou saudade na Venezuela, Ana se emocionou ao falar que é a convivência familiar. Hoje, a família de Ana está separada - cada parte da família migrou para um país diferente. Ela tem família na Argentina e nos Estados Unidos:

"Não sei se vou conhecer minha sobrinha que está na Argentina. Ou minha sobrinha que está no Texas. Essa parte familiar, que você não consegue voltar a ter. Gostaria muito que todos estivessem comigo, com minha mãe como sempre. Mas é quase impossível voltar a ser como era lá. Quase todo final de semana a gente se reunia em família, íamos à praia juntos, passávamos o final de semana, sopa na casa da minha mãe, churrasco na casa do meu tio."

O processo que Ana passou de desterritorialização significa que retornar é viver uma realidade dolorosa que deixou para trás, é um movimento transgressivo de identidade e familiaridade (Santos, 2022). Milton Santos (2002) explica que a desterritorialização envolve uma história técnica e social abrangente, que é invasiva e gera trocas que ocorrem na reterritorialização.

Ana diz se sentir acolhida por amigos, apesar de em várias ocasiões sentir um afastamento ou como ela mesma diz: "maltrato cultural", principalmente no seu primeiro emprego em Curitiba, por parte de uma cliente, que a ridicularizou por conta de seu sotaque. Também, onde seu chefe se aproveitava da vulnerabilidade social da situação de imigrante para submeter os trabalhadores (todos venezuelanos) a longas horas de trabalho em pé, evitar com que os trabalhadores pedissem demissão, pois implicitamente dava a entender que não encontrariam outro emprego. "Ele dizia: "você nunca vai ter a qualidade de vida que tinha na Venezuela" e eu fiquei lá 2 anos por isso. Tanto que quando meu pai chegou e ficou estável no trabalho, eu falei: "pai não aguento mais" e saí de lá".

Ana contou que várias vezes participou de manifestações. Explicou que usavam camisetas brancas, que é a cor da oposição e a bandeira venezuelana com 7 estrelas, porque o governo Maduro mudou para 8 estrelas. Explicou que usavam vinagre e creme dental para respirar e evitar respirar o gás lacrimogêneo que os militares atiraram. Também disse que foram atacadas com balas de borracha e balas de chumbo.

Sobre a vivência urbana em Curitiba, tanto Ana quanto Luísa explicaram que gostam de visitar locais que lembram pontos de lazer venezuelanos, como Jardim Botânico, Mercado Municipal, Largo da Ordem. Luísa disse que "Lugares que lembram outro lugar da Venezuela, preenchem um vazio que a gente tem, a gente sente uma conexão com a cidade" e Ana concordou: "A gente tem uma carga emocional que permite que tenha uma acolhida no local."

Haja vista a importância de espaços multiculturais e híbridos, onde há o encontro de culturas na cidade. Esses espaços promovem a acolhida do outro e sentimento de pertencimento e apropriação do espaço que dá origem a manifestação do direito à cidade pelo imigrante.

DANIELA E LORENZO

A entrevista com Daniela (38) e Lorenzo (43) aconteceu no dia 6 de novembro. O casal migrou primeiramente da Venezuela para o Peru em 2017 junto com a família de Daniela com o objetivo de trabalharem por 6 meses e retornarem à Venezuela. Moraram no Peru durante 6 anos, e então a família de Daniela retornou em 2023. E tanto Daniela quanto Lorenzo não desejavam retornar com a família para a Venezuela devido à crise econômica e política.

Lorenzo conta que esses "6 anos no Peru pareceram 100 anos". No Peru, Daniela conta que sofreram com sentimentos de solidão, tristeza e ansiedade assim que sua família voltou para Venezuela, porque não sentiam acolhimento e não encontravam venezuelanos. Além de terem dificuldade de fazer amigos e desenvolver laços afetivos. No Brasil, já conheciam pessoas que estavam com visto de residência, e por incentivo, decidiram migrar ao Brasil neste ano. Há 7 meses estão com visto de residência. Contam que se sentiram mais acolhidos no Brasil, já que encontraram uma grande comunidade de venezuelanos. Mas que também sentiram muita diferença cultural, pois o povo venezuelano é muito hospitaleiro.

Uma das maiores dificuldades e barreiras que encontraram no Brasil foi a língua, já que no Peru, o idioma também é o espanhol. Daniela explica que no Brasil estão se esforçando para fazer amigos brasileiros: "Estamos tentando aprender mais português, ter mais amigos que falam português. A gente fala mais espanhol (com amigos) do que português."

Sobre xenofobia, explicaram que até então não sentiram afastamento ou hostilidade, mas que os brasileiros com quem interagem são educados e receptivos. Sobre o trabalho, Lorenzo continua com trabalho remoto no Peru e também trabalha como diarista.

Consideram Curitiba uma cidade acolhedora e com espaços interessantes para visitar, como os parques e praças. Mas, também pontuaram que: "a cidade tem bastante verde, muitos parques, praças, então tem bastante lugares para caminhar. Mas apesar de ser uma cidade tão moderna, não tem muitas ciclovias e nem muitas calçadas. A gente mora em Campina do Siqueira e não tem calçada. Tem muitos lugares que faltam calçada."

Daniela e Lorenzo contam também que num primeiro momento, ao chegar ao Brasil, com o choque de uma nova desterritorialização, desejavam retornar ao Peru. Mas, à medida que foram conhecendo mais a cultura e a cidade, gostaram e decidiram se fixar. Lorenzo disse que: "tivemos contato de novo com a cultura venezuelana. Mas no Peru não encontramos um venezuelano." Daniela completa que "fazia tanto tempo que não tínhamos contato com a cultura venezuelana que estranhamos. Então encontramos algumas diferenças."

Sob a perspectiva de vivência de Daniela e Lorenzo levantaram uma questão interessante. Quando a cidade propicia encontro de culturas e de línguas, é mais fácil para o imigrante se sentir acolhido. Vallejo (2007) explica que a hibridação cultural dá a cidade um caráter multicultural, identificando-a como cosmopolis por conta da identidade heterogênea dos espaços. Esse fenômeno abre oportunidades de trocas de vivências, costumes e culturas por meio de relações interpessoais.

NASCER DE NOVO

As vivências relatadas pelos entrevistados revelam o impacto sociocultural e emocional que a imigração exerce sobre os indivíduos. É perceptível que cada pessoa tem sua própria interpretação do deslocamento e da imagem da cidade, moldada por suas memórias e experiências pessoais (Santos, 2022).

Um ponto comum entre as entrevistas é a busca por acolhimento e o desejo de se sentir pertencente ao novo espaço. Em todos os relatos, o medo de não se ajustar ao local e de não ser bem recebido impacta diretamente a decisão de permanência no território. Todos os entrevistados mencionaram ter considerado a possibilidade de mudar de cidade ou retornar à Venezuela.

Huáscar Vallejo (2007) identifica dois processos distintos que emergem das migrações urbanas: a polarização e a hibridação sociocultural. A polarização refere-se à dualidade estrutural urbana – social e econômica – que gera desequilíbrios responsáveis pelos movimentos migratórios. A polarização explica o fenômeno da crescente desigualdade e segregação socioeconômica na cidade, limitando o acesso a recursos, oportunidades e a determinadas áreas urbanas.

Observa-se que, atualmente, a relação com o imigrante muitas vezes é marcada pela hostilidade, e não pelo acolhimento ou cuidado. Sob uma perspectiva etnocêntrica, aquele que hospeda tende a exercer poder de forma exacerbada, subjugando aquele que é hóspede.

Casos de hostilidade e xenofobia relatados por boa parte dos entrevistados evidenciam a marginalização imigratória, frequentemente associada ao tipo de emprego disponível para esses indivíduos em outros países. No Brasil, esse cenário é agravado por um histórico de xenofobia direcionada a imigrantes latino-americanos (Lauriola et al., 2023).

Para Cabral (2011, p. 347), as estratégias de acolhimento devem ser humanizadas. Políticas neoliberais baseadas no assistencialismo, embora ofereçam ajuda, frequentemente operam de maneira hostil e injusta, submetendo os beneficiários a *means tests*, que envolvem invasão de privacidade para comprovação da necessidade do auxílio prestado. Ainda assim, os entrevistados encontraram acolhimento e hospitalidade por meio de relações interpessoais e nos espaços urbanos e acolhedores da cosmopolita Curitiba.

REFERÊNCIAS

BENTO, Matheus Lira. Diáspora venezuelana: considerações a partir da violência. **Anais do III Seminário Nacional de Sociologia: Distopias dos extremos: sociologias necessárias**, 2020.

CABRAL, Manuel Villaverde. Cidadania, inclusão e voz. **Cadernos Metrópole**, *[S. l.]*, v. 13, n. 26, p. 314–357, 2013. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/14757. Acesso em: 1 dez. 2024.

FELIX, Jorge. Saskia Sassen "Não é imigração, é expulsão". **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais,** n. 18, 2015. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/29811. Acesso em: 1 dez. 2024.

FLUXO migratório venezuelano no Brasil. UNICEF Brasil, 2024. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/crise-migratoria-venezuelana-no-brasil. Acesso em: 10 out. 2024.

FUÃO, Fernando Freitas. A interioridade da arquitetura. **Cadernos PROARQ**, n. 14, p. 99-107, 2010.

FUÃO, Fernando Freitas. As formas do acolhimento na arquitetura. In: **Derrida e a arquitetura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 41-113, 2014.

GUATELLI, Igor; FABIANO JUNIOR, Antonio; F. QUEIROGA, Eugenio; FREITAS FUÃO, Fernando; FREITAS LEMOS, José Carlos; SOLLERO LEMOS, Isabela; DE MELLO FRANCO, Fernando; T. WISNIK, Guilherme.; PESSOA, Luciano. Um outro ethos do morar: Muros nebulosos. **PIXO - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 8, n. 28, p. 16-67, 15 mar. 2024. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/26572. Acesso em: 1 dez. 2024.

LAURIOLA, Julia Lucia Helena; HARTMANN, Luciana; FLEISCHER, Soraya. O menino que não pôde voltar para casa: crianças migrantes venezuelanas em Roraima – RR. **InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 205–226, 2023. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/47431. Acesso em: 1 dez. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade.** 5. ed. São Paulo: Centauro, 2011.

LIMA, Fábio. A expressão da alteridade: ver o invisível nas cidades. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Arte e Cultura Visual**, p. 26-38, 2014.

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, *[S. l.]*, v. 2, n. 4, p. 5–25, 2011. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27706. Acesso em: 1 dez. 2024.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, CLG; CASTRO, PA (orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, p. 49-83, 2011.

MARTINE, George. A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, p. 3-22, 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/j/spp/a/ddmq64Q3LR7dwYJYcNR4pQf/. Acesso em: 1 dez. 2024.

MOREIRA, Julia Bertino; BORBA, Janine. Hadassa Oliveira Marques de. Invertendo o enfoque das "crises migratórias" para as "migrações de crise": uma revisão conceitual no campo das migrações. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 38, p. e0137, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbepop/a/s4CBKtsS5dSrtBnsbB8dHRQ/#. Acesso em: 1 dez. 2024.

PICON, Antoine. A arquitetura e o virtual: rumo a uma nova materialidade. In: **O Campo Ampliado da Arquitetura: Antologia Teórica (1993-2009),** São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 206-220.

PLATAFORMA de Coordinación Interagencial para Refugiados y Migrantes de Venezuela (R4V). Monitoramento dos Movimentos de Saída, 2023. Disponível em: https://www.r4v.info/pt/document/relatorio-monitoramento-dos-movimentos-de-saida-junho24. Acesso em: 5 out. 2024.

RAPPORT, Nigel. Em louvor do cosmopolita irônico: nacionalismo, o "judeu errante" e a cidade pós-nacional. **Revista de Antropologia**, v. 45, p. 89-130, 2002.

ROCHA, Gustavo do Vale; RIBEIRO, Natália Vilar Pinto. Fluxo migratório venezuelano no Brasil: análise e estratégias. **Revista Jurídica da Presidência**, v. 20, n. 122, p. 541-563, 2018. Disponível em: https://revistajuridica.presidencia.gov.br/index.php/saj/article/view/1820. Acesso em: 1 dez. 2024.

SALIBA RIZEK, Cibele; SANTO AMORE, Caio; MORENO DE CAMARGO, Camila. Política social, gestão e negócio na produção das cidades: o programa Minha Casa Minha Vida "entidades". **Caderno CRH**, *[S. l.]*, v. 27, n. 72, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/19741. Acesso em: 1 dez. 2024.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo, Edusp, 2002.

SANTOS, Ana Teresa Barbosa dos. A cidade cosmopolita como espaço de tradução e da descoberta da alteridade. **Debates Interdisciplinares e Comparatistas**, p. 39. 2022.

SANTOS, Eliete Moreira. A produção do espaço urbano e a imagem da cidade pelo migrante jovem. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 24, p. 33–45, 2007. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15548. Acesso em: 1 dez. 2024.

[1] As migrações geradas por crises nos países de origem são frequentemente rotuladas como "crise imigratória". Esse termo, porém, carrega conotações negativas, alimentando discursos político-midiáticos que associam os imigrantes a ameaças culturais, sociais e econômicas nos países receptores (Moreira, Borba, 2021). Em contrapartida, o conceito de "migração de crise" reflete as vivências de populações deslocadas devido a crises graves, destacando a compulsoriedade do deslocamento causado pela instabilidade socioeconômica e pela repressão política, ampliando o entendimento sobre as experiências desses migrantes (Moreira, Borba, 2021).

[2] Cf. Vallejo (2007) a hibridação cultural é um processo dinâmico em que culturas se encontram, interagem e se transformam. Não é apenas a fusão de culturas, mas os elementos são reinterpretados resultando em novas expressões culturais na cidade ou para um indivíduo singular.

[3] A hostipilidade a qual Derrida se refere e que está presente no texto de Fuão (2012) é receber o outro tanto como hóspede (*hôte*) quanto inimigo (*hostis*), pois há o medo do diferente, do que é estranho, ainda que a hospitalidade e a hostilidade caminhem juntas, aplicado nesse contexto há a relação de poder do hospedeiro sob o hóspede, o estranho.

[4] El Petro é a criptomoeda venezuelana desenvolvida durante a gestão de Nicolás Maduro em 2018 lastreada com base no petróleo. No entanto, a moeda foi suspensa em 2023 (BBC, 2024).